

Tipo de relato: Relato de Experiência

Eixo transversal: Saúde Mental

Financiamento e apoio: Ministério da Saúde e Departamento de Saúde Coletiva (DSC) da Universidade Estadual de Campinas

CUIDADO QUE TRANSFORMA:

UMA APOSTA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EM CAPSiJ

Palavras-chave: Infância e Adolescência; Saúde Mental; Cuidado Ampliado.

Autores: Bárbara dos Santos Chagas¹, Bruno Emerich Ferrari², Giovana Pellatti D Lopes³ e

Nádia Karolina Gonçalves Oliveira⁴

- 1- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, Campinas, SP, Brasil.
- 2- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Ciências Médicas, Departamento de Saúde Coletiva (DSC), Campinas, SP, Brasil.
- 3- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Ciências Médicas, Departamento de Saúde Coletiva (DSC), Campinas, SP, Brasil.
- 4- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, Campinas, SP, Brasil.

Introdução

Por muito tempo, o apoio à saúde mental de crianças e adolescentes foi negligenciado no Brasil, refletindo-se em exclusão e violência contra essa população. A falta de uma política específica para essa faixa etária perpetuou essas práticas inadequadas. Apenas com a criação dos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSiJ) iniciou-se uma ação estatal voltada para a saúde mental de crianças e adolescentes, representando uma resposta oficial do Sistema Único de Saúde (SUS) para essa necessidade de cuidado psicossocial até então desassistida.

A assistência formal a crianças e adolescentes na saúde mental foi estabelecida pela Lei n. 10.216 de 2001 e detalhada pela Portaria n. 336 de 2002. Esta legislação definiu as modalidades dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), especificando que o CAPSiJ deve organizar uma rede de cuidados que inclui atendimento individual e em grupo, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, suporte à família e atividades comunitárias para integrar os jovens à escola e outros contextos sociais.

No Brasil, é essencial reconhecer que fatores culturais e sociais moldam a infância e juventude, impossibilitando um modelo único de infância. O termo "infâncias contra

hegemônicas" reflete a diversidade populacional, destacando que grupos ditos minoritários nunca foram numericamente menores. Reduzir essas populações a uma condição minoritária causa graves violações de direitos. Portanto, os CAPSij devem oferecer um cuidado em saúde mental que reconheça essa diversidade, garantindo acesso a direitos conforme os princípios do SUS e uma visão antimanicomial com um cuidado horizontal.

Objetivos

Discutir e refletir sobre a atuação e importância dos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSij) na cidade de Campinas no cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes.

Contexto

A experiência de residentes do Programa Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em dois CAPSij da rede de Campinas.

Descrição

A política de assistência à saúde mental para crianças e adolescentes atualmente se estrutura na perspectiva do cuidado em rede, conforme os princípios e diretrizes do SUS. Esse modelo de cuidado vai além dos pontos de atenção da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), enfatizando o acesso, o vínculo e a articulação entre os serviços. Contudo, apesar da interdisciplinaridade, a assistência ainda é fragmentada e individualizada em muitos aspectos. Certas práticas de controle persistem, promovendo uma clínica baseada na patologização, criminalização e violação dos direitos das crianças e adolescentes.

Embora os CAPSij, como coordenadores desse cuidado, possam oferecer uma visão crítica à psiquiatrização da vida dos jovens, algumas condutas estruturais ainda mascaram uma lógica que transforma questões sociais em patologias. Nos serviços, os profissionais de saúde buscam contrariar o sistema médico centrado, focando no indivíduo como centro do tratamento. Suas práticas diárias incluem atendimentos individuais e em grupo, atividades artísticas e esportivas, e intervenções no território, utilizando ferramentas de humanização como o vínculo e o brincar, visando o desenvolvimento da autonomia dos jovens.

Nesse contexto, foi observado nesses serviços a necessidade das equipes de saúde se engajarem em um processo de trabalho baseado na problematização política, social e institucional dos contextos em que os jovens estão inseridos. Esse envolvimento é fundamental para moldar a forma de prestar cuidado, permitindo debates e empoderamento

coletivo. As equipes devem questionar e desafiar as condutas inflexíveis que ignoram a contra-hegemonia e as particularidades de cada caso, garantindo que o cuidado seja pensado e implementado de maneira inclusiva e adaptada às necessidades individuais dos jovens.

Resultados

Fica evidente a extrema importância dos CAPSij e suas ações, ressaltando seu papel indispensável no cuidado com crianças e adolescentes. Entretanto, as limitações se originam na necessidade de ampliar e garantir a execução de políticas que reconheçam a complexidade e singularidade dessa população. Dada a histórica violação de direitos das crianças e adolescentes no Brasil, é vital reorganizar práticas que assegurem esses direitos. Nesse enquadre, a construção de redes e a intersetorialidade se destacam como abordagens metodológicas e éticas essenciais para a atenção psicossocial, com os CAPSij desempenhando um papel central, permitindo que as estratégias para o cuidado sejam continuamente adaptadas às necessidades específicas dos jovens, servindo também como ferramenta de gestão e avaliação das ações realizadas.

Considerações Finais

A saúde mental de crianças e adolescentes é uma temática crucial e precisa ser amplamente discutida e pesquisada no Brasil. Apesar dos avanços na oferta de serviços de saúde pública pós-reforma psiquiátrica, promover práticas antimanicomiais e inclusivas nos CAPSij ainda é um desafio diário. Em nossa experiência como residentes em CAPSij de Campinas, observamos que alguns profissionais resistem às práticas tradicionais e buscam ver os usuários além de seus diagnósticos, promovendo seu protagonismo. Esses profissionais utilizam uma clínica ampliada do cuidado para garantir os direitos de crianças e adolescentes, cujas infâncias são frequentemente interrompidas por diversas violências. É essencial que o cuidado em saúde mental ressignifique as possibilidades de transformação e existência desses jovens, permitindo-lhes desenvolver projetos de vida próprios.